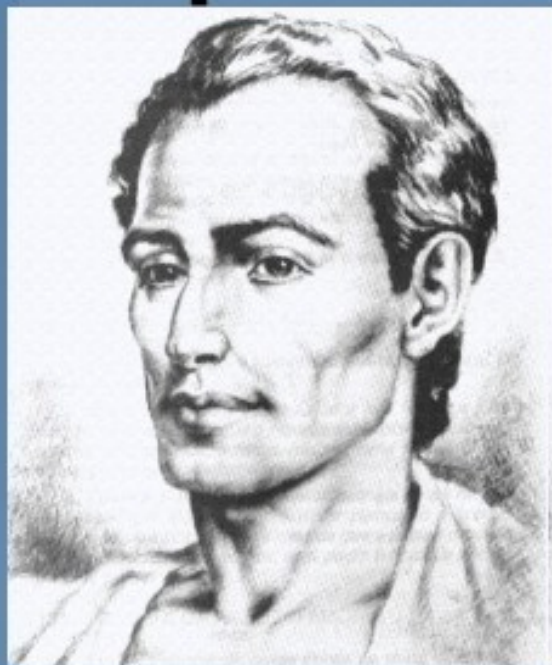


# Religião dos Espíritos



*Emmanuel*

**Psicografia - Chico Xavier**

**CAPÍTULO XLVIII – Suicídio**

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)**

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)

### Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
Capítulo XLVIII – Suicídio	O Consolador	04
Complementos		
Suicídio? Não faz sentido!	O Consolador	06
Suicídio, ato equivocado e inútil	O Consolador	08.
Jovens suicidas	O Consolador	10

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)

### **Suicídio** **Reunião pública 03/07/1959** Questão 957

No suicídio intencional, sem as atenuantes da moléstia ou da ignorância, há que considerar não somente o problema da infração ante as Leis Divinas, mas também o ato de violência que a criatura comete contra si mesma, através da premeditação mais profunda, com remorso mais amplo.

Atormentada de dor, a consciência desperta no nível de sombra a que se precipitou, suportando compulsoriamente as companhias que elegeu para si própria, pelo tempo indispensável à justa renovação.

Contudo, os resultados não se circunscrevem aos fenômenos de sofrimento íntimo, porque surgem os desequilíbrios consequentes nas sinergias do corpo espiritual, com impositivos de reajuste em existências próximas.

É assim que após determinado tempo de reeducação, nos círculos de trabalho fronteiriços da Terra, os suicidas são habitualmente reinternados no plano carnal, em regime de hospitalização na cela física, que lhes reflete as penas e angústias na forma de enfermidades e inibições.

Ser-nos-á fácil, desse modo, identificá-los, no berço em que repontam, entre mostrando a expiação a que se acolhem.

Os que se envenenaram, conforme os tóxicos de que se valeram, renascem trazendo as afecções valvulares, os achaques do aparelho digestivo, as doenças do sangue e as disfunções endocrínicas, tanto quanto outros males de etiologia obscura; os que incendiaram a própria carne amargam as agruras da ictiose ou do pênfigo; os que se asfixiaram, seja no leito das águas ou nas correntes de gás, exibem os processos mórbidos das vias respiratórias, como no caso do enfisema ou dos cistos pulmonares; os que se enforcaram carregam consigo os dolorosos distúrbios do sistema nervoso, como sejam as neoplasias diversas e a paralisia cerebral infantil; os que estilhaçaram o crânio ou deitaram a própria cabeça sob rodas destruidoras, experimentam desarmonias da mesma espécie, notadamente as que se relacionam com o cretinismo, e os que se atiraram de grande altura reaparecem portando os padecimentos da distrofia muscular progressiva ou da osteíte difusa.

Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas derivadas, que correspondem a diversas calamidades congênitas, inclusive a mutilação e o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, a representarem terapêutica providencial na cura da alma.

Junto de semelhantes quadros de provação regenerativa, funciona a ciência médica por missionária da redenção, conseguindo ajudar e melhorar os enfermos de conformidade com os créditos morais que atingiram ou segundo o merecimento de que dispõem.

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)**

Guarda, pois, a existência como dom inefável, porque teu corpo é sempre instrumento divino, para que nele aprendas a crescer para a luz e a viver para o amor, ante a glória de Deus.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)

### Suicídio? Não faz sentido!...

O objetivo de qualquer suicida é resolver um problema irresolúvel (na sua ótica), muitas vezes embrenhado numa mono ideia, que não o deixa ver outras janelas, senão o fundo falso da vida: o suicídio.

Dentro de uma visão materialista da vida, de fato, o suicídio é aceitável, para quem julga não haver solução para a problemática que está a viver.

À falta de melhor opção, a pessoa mata-se, e “acaba tudo”, fugindo do problema aparentemente irresolúvel.

Se assim fosse, até poderia ser uma saída para a crise existencial.

E se não for assim?

E se a vida continuar para além da morte do corpo de carne?

Vejamos a ótica espiritualista.

Nesta visão holística, o ser humano não é apenas um amontoado de células, mas, sim, um ser eterno, que está temporariamente num corpo carnal, neste planeta, numa determinada missão evolutiva, voltando à pátria espiritual assim que se desorganize irremediavelmente o seu corpo físico.

Se a visão espiritualista da vida estiver certa, então o axioma materialista perde consistência, e o suicídio terá sido em vão, continuando o ser humano no mundo espiritual, com os mesmos problemas que tinha na Terra (abordaremos esse assunto no artigo seguinte).

Questionamo-nos: por que as pessoas se suicidam?

A resposta parece óbvia: para “resolverem” problemas graves existenciais, como um negócio ruinoso, uma doença irreversível, um desgosto, uma atitude impensada, etc., etc....

A Doutrina Espírita (ou Espiritismo), que não é mais uma seita nem mais uma religião, mas sim um conjunto de ideias assentes em pesquisa científica, com uma componente filosófica assentada na moral de Jesus de Nazaré, veio matar a morte demonstrando, experimentalmente, em meados do século XIX, que, afinal, aquilo que as religiões tradicionais defendiam através de uma fé cega – que somos seres imortais, que a vida continua noutra dimensão espiritual – tinha razão de ser.

Entramos no campo da fé raciocinada, da fé assente na pesquisa, na experiência, na discussão, na observação, na comparação de fatos, de onde surgem ideias de espiritualidade, ideias salutares, lógicas, explicando ao Homem de onde vem, para onde vai, e o que está a realizar na Terra (leia-se a obra de Allan Kardec, começando pela notável obra “O Livro dos Espíritos”).

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)**

**Com o estudo do Espiritismo, aprendemos que os problemas graves da vida têm sentido, têm uma causa, têm um objetivo e são ultrapassáveis.**

Aprendemos com a Doutrina Espírita que estamos na Terra para evoluir em duas vertentes – intelectual e espiritual – num processo de expiação de atos do nosso passado mais ou menos longínquo (reencarnações passadas), e num processo de provas, inerentes ao estado atual do planeta Terra, onde o mal ainda se sobrepõe ao bem.

Aprendemos com a Doutrina Espírita que os problemas que temos na Terra não são irresolúveis, antes sim, oportunidades de crescimento, de aprendizagem, aprendendo os valores da tolerância, da compreensão, da resignação ativa, da ajuda mútua desinteressada.

Independentemente do tipo de problema com que a Vida nos bafeja, tenhamos a consciência de que a inteligência suprema causa primária de todas as coisas (a que se convencionou chamar Deus), não permitiria que tivéssemos na nossa vida provas superiores às nossas forças, pois, se assim fosse, não seria um Deus infinitamente bom.

Somente com o estudo e entendimento da lei de causa e efeito, da reencarnação, podemos encontrar a justiça divina, nas múltiplas dessemelhanças existentes entre a humanidade, e que provocam revoltas naqueles que desconhecem as realidades espirituais.

Com o estudo do Espiritismo, aprendemos que os problemas graves da vida têm sentido, têm uma causa, têm um objetivo e são ultrapassáveis.

Assim pensando e assim agindo, podemos ver que o suicídio não faz sentido...

**José Lucas, Suicídio? Não faz sentido – O Consolador – Nº 751 – 12/12/2021.**

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)

### **Suicídio, um ato equivocado e inútil.**

Um importante jornal de São Paulo publicou uma matéria que tem ganhado grande repercussão nas redes sociais, acerca do aumento vertiginoso de casos de suicídio cometido por jovens pertencentes às diversas camadas da sociedade.

É evidente que são inúmeros os fatores que podem levar alguém ao suicídio, e não podemos também descartar, como elemento importante, as enfermidades e as influências espirituais de caráter obsessivo.

O suicídio não é fenômeno recente na sociedade terrena, tanto que, ao compor sua principal obra espírita, em meados do século 19, Kardec dedicou ao assunto 16 questões, as quais, se não esgotam as complexidades do tema, oferecem-nos informações importantes que nos permitem entendê-lo.

Motivos relevantes existem, sem dúvida, capazes de levar uma pessoa ao desespero e daí à ideia suicida. A ruína financeira, a tragédia que vítima de uma só vez toda a família da pessoa, a enfermidade dolorosa sem perspectiva de cura, um abalo psicológico profundo, a depressão, o estado de perturbação que leva o indivíduo ao total desequilíbrio...

Ocorre que existem situações em que nenhum motivo aparente ou real existe. Como então explicar, em tais casos, a fuga à vida?

Kardec não iria, evidentemente, ignorar o assunto e, por isso, apresentou aos instrutores desencarnados a seguinte pergunta: - Onde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?

Eles responderam:

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.” (O Livro dos Espíritos, questão 943.).

Do sentimento de desgosto da vida nem sempre, evidentemente, surgirá para o indivíduo a ideia de matar-se.

Quando essa hipótese se dá, existe certamente presente no caso um outro fator desencadeante, como mostram relatos feitos por indivíduos que passaram ao mundo espiritual pela via do suicídio.

Em sua obra intitulada O Céu e o Inferno, publicada originalmente no ano de 1865, Kardec apresenta-nos nove casos.

Ei-los listados em seguida, juntamente, com os motivos alegados:



## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)

1 – O Suicida da Samaritana. Um homem de 50 anos degolou-se com uma navalha, porque se sentia desprezado no seio da própria família.

2 – O Pai e o Conscrito. Um negociante de Paris suicidou-se para isentar seu filho único de servir ao Exército assim que se iniciou a guerra da Itália.

3 – François Simon-Louvet. Um pobre infeliz, vencido pelo desgosto de uma vida de misérias, atirou-se da Torre Francisco I, despedaçando-se nas pedras.

4 – A mãe de Benjamin C. Não suportando a perda de seu filho mais velho, falecido aos 21 anos de idade, sua mãe enforcou-se num celeiro.

5 – Dois amantes suicidas. Casada com a pessoa errada por deferência a seus pais, a jovem Palmira uniu-se no suicídio, quatro anos após o seu casamento, ao seu antigo namorado, então casado com outra, explicando que se mataram para não prevaricarem.

6 – O sapateiro Luís G. Repelido pela noiva, Luís G. matou-se à porta de sua pretendida, às vésperas do casamento dela.

7 - O ateu. O sr. M.J.B.D., ateu e materialista, suicidou-se por causa do tédio de uma vida sem esperança.

8 – Feliciano. Homem rico, instruído, honrado e dotado ainda da aptidão pela poesia, havendo comprometido sua fortuna e não podendo repará-la, devido à sua idade avançada, decidiu enforcar-se.

9 - Antônio Bell. Caixa de uma casa bancária do Canadá, ele suicidou-se após um longo processo obsessivo durante o qual perdia o sono, lamentava-se, batia no peito e via cena de um crime por ele cometido em vida anterior. (O Céu e o Inferno, 2ª parte, cap. V.).

Desprezo, desgosto, desespero, tédio, desesperança, obsessão – eis os motivos presentes nos casos, tão diversificados quanto são as suas consequências, como os instrutores disseram a Kardec em resposta à pergunta por ele formulada: - Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?

Eis a resposta dada pelos imortais:

“Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.” (O Livro dos Espíritos, questão 957.).

Desapontamento sempre e dificuldades de toda ordem – eis o que aguarda aquele que foge à luta, sejam quais forem seus motivos.

**Editorial**, Suicídio, um ato equivocado e inútil – O Consolador – Nº 566 – 06/05/2018.

### Jovens suicidas

Entre as mais aflitivas causas das mazelas humanas está o suicídio, que, lamentavelmente, continua produzindo crescente número de vítimas.

De modo geral, o virtual suicida é um indivíduo que não sabe lidar adequadamente com as adversidades e dificuldades existenciais.

Ocorre que problemas, contrariedades e reveses permeiam as nossas vidas em maior ou menor intensidade.

Por outro lado, é preciso entender – gostemos ou não – que eles são fundamentais à nossa evolução.

Por meio deles, aliás, temos a oportunidade – quando usamos a energia benfazeja do otimismo e da perseverança – de arregimentar as poderosas forças latentes da alma, do intelecto e dos sentimentos com vistas à autossuperação.

Apesar desses recursos potenciais, considerável contingente de pessoas prefere a via mais “fácil”, esperando aliviar, assim, o peso dos problemas.

Com efeito, uma reportagem recente da revista Veja descreveu um quadro desolador nesse particular que merece reflexão.

Celebridades e pessoas comuns continuam a dar cabo das suas vidas movidas, não raro, por razões fúteis.

Às vezes, pessoas muito bem situadas na sociedade não conseguem vencer as crises que palmilham, por sinal, a existência de todos nós.

Outros tantos, simplesmente vencidos pela drogadição ou álcool, tomam o mesmo caminho aziago. Mal sabem que, do lado de lá, continuarão a ser perturbados pelos pensamentos malsãos substancialmente agravados pelas consequências da ação radical.

Dados revelados pela referida reportagem indicam a alarmante estatística de que 800.000 pessoas se suicidam por ano no planeta (uma a cada quarenta segundos).

Os jovens têm apresentado taxas ainda mais preocupantes.

Para exemplificar, nos Estados Unidos, indivíduos na faixa etária de 15 a 24 anos apresentaram 20% de crescimento no número de suicídios no período de 2011 e 2016.

De maneira semelhante, a tendência no Brasil não é nada auspiciosa, considerando igual aumento no mesmo intervalo na faixa entre 15 a 19 anos. A propósito, vale frisar que aqui o suicídio ocupa a quarta posição na causa de mortes especificamente nesse grupo.

As estatísticas são ainda mais estarrecedoras em países como Japão e Coreia do Sul, onde o suicídio é a principal causa entre meninos e meninas e reside aí um terrível paradoxo. Afinal, as mesmas sociedades que exigem elevadíssimo grau de disciplina, obediência e dedicação dos jovens se omitem diante do suicídio daqueles que não se ajustam a esse rígido e inflexível padrão ou que simplesmente não se saem bem.

Em outras palavras, tais sociedades, em que pese o seu alto nível de desenvolvimento educacional e tecnológico, não conseguem preparar os seus jovens membros para os eventuais fracassos da vida.

Por isso, falta a esse grupo uma noção mínima do elemento espiritual, da encarnação, das provas e expiações inerentes aos indivíduos em jornada pela dimensão material.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLVIII)

Desse modo, jovens cercados de todos os cuidados e desejos não recebem, surpreendentemente, a devida atenção para os seus dramas interiores.

Os pais modernos, normalmente muito ocupados com as suas carreiras e interesses, não conseguem divisar as anomalias que jazem na alma dos seus filhos.

Além disso, a deficiente percepção de muitos jovens acerca da vida e tudo que ela envolve torna-os vítimas desse ato extremo.

Como observam os especialistas, melancolia e depressão são também fortes instigadores do suicídio.

É preciso também reconhecer que o jovem contemporâneo está sob forte pressão existencial. As incertezas hodiernas atingem-lhes vigorosamente o ânimo.

Profissões estão ficando obsoletas de um momento para o outro devido ao passo tecnológico.

Em decorrência disso, todo esforço pessoal e dedicação de um jovem para obter uma profissão pode ser em vão. Faltam-lhes, muitas vezes, perspectivas concretas de desenvolvimento profissional, emancipação financeira e avanço social.

Posto isto, o Espiritismo tem muito a oferecer às criaturas que passam por esses dramas, desde que busquem por algo mais sólido.

Nesse sentido, é pertinente recordar que Allan Kardec escreveu n'O Evangelho segundo o Espiritismo que a doutrina: “[...] Apresenta-nos os próprios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a Lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida”.

“Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado”.

Kardec ainda observou que: “[...] O espírito tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra; a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. [...]”.

Entretanto, cumpre lembrar que o Espiritismo não é a bússola seguida pela maioria das criaturas. Poucos realmente mergulham no sagrado dever de esclarecer o próprio Espírito bebendo nas fontes da sabedoria universal.

É mais fácil, assim, ligar-se às coisas mundanas e fúteis que atropelam a razão e o bom senso do que encarar as próprias fraquezas.

O Espiritismo oferece ferramentas e orientações confiáveis às almas envolvidas em conflito íntimo, mas não se sobrepõe ao livre-arbítrio de ninguém.

**Anselmo Ferreira Vasconcelos**, Jovens suicidas – O Consolador – Nº 581 – 19/08/2018.